

POR QUE O LAZER É CADA VEZ MAIS UMA MERCADORIA?

Guanis de Barros Vilela Junior^{1,2}
Fábio da Silva Ferreira Vieira^{3,4,5,6}

Resumo

O fenômeno do lazer mudou de maneira significativa da revolução industrial até a contemporaneidade, sendo impactado pela globalização, que afinal, globalizou o trabalho e não os lucros. Neste contexto o capitalismo predatório do último século alimentou a sua principal fera: a coisificação de tudo que puder, material e imaterial. Neste contexto, o objetivo do presente artigo é promover uma reflexão sobre a percepção que temos enquanto singularidades que as práticas de lazer estão cada vez mais dependentes de mais dinheiro para acontecerem. O corpo reificado, inicialmente para o trabalho, foi também no espaço-tempo do lazer. Discutiu-se inicialmente a possibilidade da normatização do lazer em praticamente todas as esferas, passando pela cultura, dita erudita, até a esportiva, sendo essa, explicitada numa obrigatoriedade de felicidade eterna veiculada nas redes sociais. Com a realização de um movimento dialético, na sequência, discutiu-se a impossibilidade dessa mesma normatização como esperam os arautos da *disneylização* mundial. Do turismo sexual e predatório em quase todas suas possibilidades aos horrores das guerras que viraram mercadoria para a grande mídia. Ousou-se uma defesa dos humanos, dos galos, dos cães, touros e do planeta.

Palavras-chave: Lazer; Mercadoria; Globalização.

Abstract

The phenomenon of leisure has changed significantly from the industrial revolution to contemporary times, being impacted by globalization, which, after all, globalized work and not profits. In this context, the predatory capitalism of the last century fed its main beast: the objectification of everything it can, material and immaterial. In this context, the objective of this article was to promote a reflection on the perception we have as singularities that leisure practices are

¹ Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida – CPAQV – Campinas – São Paulo.

² Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – UNIMEP – Piracicaba – São Paulo.

³ Delegado Adjunto da Federação Internacional de Educação Física e Esportes – FIEPS – PR.

⁴ International Coordinator for programs of Master and Doctor of Physical Education in Logos University International, LUI – UNILOGOS, Miami, Flórida, USA.

⁵ Docente do curso de Enfermagem na Faculdade do Norte Pioneiro – FANORPI.

⁶ GERGILA – Grupo de estudos em Ergonomia e Ginástica Laboral

increasingly dependent on more money to happen. The reified body, initially for work, was also in the space-time of leisure. Initially, the possibility of regulating leisure in practically all spheres was discussed, from culture, so-called erudite, to sports, which is explained in an obligation of eternal happiness conveyed on social networks. With the realization of a dialectical movement, in the sequence, the impossibility of this same normalization as expected by the heralds of world *disneylization* was discussed. From sex and predatory tourism in almost all its possibilities to the horrors of wars that became merchandise for the mainstream media. A defense of humans, roosters, dogs, bulls and the planet was dared.

Keywords: Leisure; Merchandise; Globalization.

Resumen

El fenómeno del ocio ha cambiado significativamente desde la revolución industrial hasta la época contemporánea, siendo impactado por la globalización, que, al fin al cabo, globalizó el trabajo y no las ganancias. En este contexto, el capitalismo depredador del siglo pasado alimentó su principal bestia: la objetivación de todo lo que puede, material e inmaterial. En este contexto, el objetivo de este artículo fue promover una reflexión sobre la percepción que tenemos de las singularidades de que las prácticas de ocio dependen cada vez más de más dinero para suceder. El cuerpo cosificado, inicialmente para el trabajo, estaba también en el espacio-tiempo del ocio. Inicialmente se discutió la posibilidad de regular el ocio en prácticamente todos los ámbitos, desde la cultura, la llamada erudición, hasta el deporte, lo que se explica en una obligación de felicidad eterna transmitida en las redes sociales. Con la realización de un movimiento dialectico, en la secuencia, se discutió la imposibilidad de esa misma normalización esperada por los heraldos de la *disneylización* mundial. Desde el sexo y el turismo depredador en casi todas sus posibilidades hasta los horrores de las guerras que se convirtieron en mercancía para los grandes medios de comunicación. Se atrevió la defensa de humanos, gallos, perros, toros y del planeta.

Palabras clave: Ocio; Comercialización; Globalización.

1 INTRODUÇÃO

As chamadas teorias do lazer repetem a cantilena de qualquer conjunto de teorias: a não existência de consenso entre elas, fato que, obviamente, só enriquece o debate acadêmico sobre o tema. No senso comum (que também

está presente no universo acadêmico), são corriqueiras as concepções relativas ao lazer, tais como: “*tem que ter um papel educativo*”, “*tem que ser fisicamente ativo*”, “*tem que ser recuperativo diante das tormentas do trabalho*”, dentre outras. Vários autores no Brasil e outros países, estabeleceram e esclareceram uma *episteme do lazer* nas últimas décadas (FORTUNA, 1995; GUIMARÃES & ALMEIDA, 2018; ALMEIDA, GUTIERREZ & GUTIERREZ, 2021).

Esses autores identificam as fases *ingênua*, *funcionalista* e *crítica* em relação às concepções de lazer na sociedade pós-revolução industrial do século XVII e seus desdobramentos tardios até o século XX. Do anarquismo de Lafargue, passando por Dumazedier (1976), Huizinga (1980), Marcelino (1990), até os contemporâneos Mansfield (2020) e Cormack (2021), todos deram (e dão) contribuições importantes em reflexões sobre o fenômeno do lazer nesse mundo, como bem destacou Bauman (2021), onde tudo é líquido, dinâmico, mutante e fugidio.

Nesse cenário, o objetivo do presente artigo é refletirmos sobre a percepção de que o lazer tem se tornado cada vez mais uma mercadoria, especialmente, em um mundo que globalizou o trabalho, mas não globalizou os lucros.

Sobre A Possibilidade De Uma Lógica Normativa Do Lazer

O conceito de reificação proposto por Lukács (2018) e se refere à *coisificação*, ao se tornar mercadoria e a consequente possibilidade de ser vendida/comprada. Vejamos um exemplo dramático para alguns e para outros nem tanto: uma prostituta ou prostituto reificam seus corpos e assim, o uso sexual desses corpos por outras e outros pode ser comprado. Esse tema tem se tornado cada vez mais relevante, pois é uma prática de lazer do chamado turismo sexual que só cresce em vários países, com um detalhe interessante: não é exclusividade de países pobres, em muitas cidades ricas, em países ricos

isso acontece; esse fenômeno precisa ser mais analisado (PISCITELLI, 2004; PISCITELLI, 2007; SALES & ALENCAR, 2008; CABALLERO et al., 2022).

Outro aspecto que caracteriza essa possível normatização do lazer se refere à ferrenha heteronomia – no sentido que Kant (2016) dá ao termo – que induz todo ser humano à obrigatoriedade de ser feliz, fenômeno esse, que foi magnificado com as redes sociais. Expressões como “*sextou*”, “*sabadou*”, sinalizam o espaço-tempo da possibilidade, mesmo que líquida, da felicidade compulsória. A mídia é poderosa e feroz em defender seus interesses: se você não fizer pelo menos uma viagem espetacular por ano (e obvio, publicar isso), você não é uma pessoa bem-sucedida.

O fenômeno do lazer ao ser reificado no universo dos consumos de massa e de luxo, pode ser comparado ao deleite de uma criança ao ganhar um brinquedo (talvez *made in China*) ou de um casal da alta nova burguesia chinesa em um resort de alto luxo nas Ilhas Maldivas, mas todos, em algum nível, comprando produtos dos homens de negócio.

Sob a lógica de um mundo capitalista por excelência (sem nenhum julgamento de valor se isso é bom ou ruim) a normatização do lazer para a maximização dos lucros parece muito plausível. No verão, a obrigatoriedade de ir para uma praia, no outono a ressaca de tudo isso e as contas a pagar; no inverno, a obrigatoriedade de ir para as montanhas, na primavera, o renascer da mesmice de consumo que se repetirá no próximo verão. Fica a questão: será que não teremos mais a possibilidade de vivenciar uma prática de lazer fora das amarras do consumo?

Mas essa normatização hegemônica do capitalismo sobre a maioria das pessoas não fica circunscrita apenas ao lazer associado às viagens de férias, ela está enraizada em vários outros espaço-tempo, como é o caso do chamado “lazer fisicamente ativo”, muito associado às práticas esportivas e recreacionais onde dimensão do elevado consumo calórico parece ser a regra (DIECKERT, 1984). Por exemplo, um sujeito que goste de correr todos os dias, ou de

frequentar uma academia para praticar exercícios físicos regularmente. É claro que ele pode fazer isso por recomendação de algum profissional da área da saúde e tal prática passa a ser associada por esse sujeito como algo prazeroso que acontece no espaço-tempo disponível. Tudo aparentemente perfeito: um lazer fisicamente ativo e que promove a saúde. Entretanto, parece evidente que já vivemos numa sociedade onde houve a apropriação (ou reificação) desse tipo de lazer. Ele se tornou, em boa medida, mais uma mercadoria. E pior: a obrigatoriedade desse tipo de consumo. Mais uma vez, se você não consumir (e gostar!) desse tipo de lazer fisicamente ativo, talvez você, eu, qualquer outra pessoa, seja taxado de “desleixado”, “não tem autoestima boa”, dentre outras aberrações. Para essa fauna é fundamental postar *selfies* diante do espelho mostrando suas supostas conquistas.

E o patrulhamento (não existe melhor expressão) vai além: vejamos o exemplo do lazer associado às artes, tomemos o caso da música. A mídia sistematicamente parece querer empurrar os *produtos musicais* que talvez ela saiba muito bem, que em cinco anos ninguém mais vai querer ouvir. As plataformas de *streaming* musical, simplesmente tiraram do catálogo as músicas clássicas. Trata-se de mais um exemplo de normatização de uma prática de lazer, você só pode ouvir as músicas que essa indústria escolhe e disponibiliza para seus clientes.

O mesmo acontece com as plataformas de filmes *online*, é praticamente impossível ver os clássicos de Bergman, Antonioni, Fellini, Fassbinder ou Kurosawa. É evidente que a indústria do cinema continua a produzir alguns filmes bons, mas, na modernidade líquida de Bauman, os clássicos já passaram, já foram. E a máquina continua a operar no mesmo estilo: mercado de livros, de artes plásticas, nas dancinhas da moda, nos aplicativos que te vendem 60 segundos para te colocar na vitrine do mundo.

Os exemplos citados acima evidenciam a normatização (ou tentativa dessa normatização) do lazer enquanto mercadoria, que como tal, tem suas

regras de ouro: 1) Quer? – Então pague.; 2) Não sabe o que quer? – Então queira isso.; 3) Liberdade de escolha? – De fato, não, nós escolhemos pela maioria.

Sobre A Impossibilidade De Uma Lógica Normativa Do Lazer

O subtítulo acima é intencionalmente provocativo e positivo na perspectiva de um possível exercício da autonomia (também na perspectiva kantiana do termo), sendo claramente tensionado com o subtítulo anterior. Ou seja, ambos fazem parte de um esforço dialético, onde, da, supostamente nefasta, polarização emerge a possibilidade de perspectivas esclarecedoras sobre a percepção motivadora do presente artigo: o lazer ser cada vez mais reificado na atualidade. Sem a menor intenção de aprofundar em um tema tão complexo, aqui é proposta uma possível reflexão sobre as inquietações acerca de como as práticas de lazer que já foram claramente postas em relação ao *bem-estar*, à *transformação social*, à *satisfação das necessidades sociais*, possam também, ser pensadas na perspectiva da alienação e no consumo pelo consumo.

Parece que sob o signo do capitalismo tudo que gera lucro é legitimado (MONERAT, 2022), basta ver a semeadura de guerras com países sem capacidade de consolidar uma indústria de armamentos robusta; esses são fregueses garantidos para o próspero comércio internacional de armas que são vendidos principalmente pelos Estados Unidos, China, França, Inglaterra e Rússia. A guerra e as cenas dela movem trilhões de dólares todos os anos (LÁZARO, 2021). O que isso tem a ver com o lazer? Tudo, afinal, vivemos a espetacularização das cenas e guerra e, provavelmente, famílias brindam os governantes preferidos e suas narrativas sendo consumidas como sobremesa após o almoço.

Mas as leis da física são inexoráveis: fluxo e refluxo, ação e reação. Se no capitalismo predatório tudo pode emergir, então, fica materializada a impossibilidade da normatização do lazer tal qual os donos desse negócio

gostariam. A reação nasce dentro do próprio sistema: por exemplo, cidades na Europa que são altamente dependentes do turismo de massa, como Milão, Paris, Veneza, dentre outras, já discutem oficialmente, impor limites ao fluxo de turistas que podem visitá-las por ano (KOENS & KLIJS, 2022; SCRIOSTEANU, BARBU, CRIEVANU, 2022; SEYITOGU & COSTA, 2022). O argumento é contundente: o excesso se tornou um problema enorme, só o dinheiro não resolve questões básicas: Como garantir água potável para todos (moradores e turistas)? Como descartar tanto lixo que todos produzem? Como tratar tanto esgoto? Como manter a cidade limpa? Como normatizar o lazer nessas cidades?

Fazendo um contraponto com o que for discutido anteriormente com os produtos culturais de *streaming* de músicas, filmes, exposições virtuais de artes plásticas, dentre outras, é bastante factível a emergência de formas alternativas que rompam com o *mainstream* do lazer mercadoria. A saída não será *normatizar quem normatizou* (ou tentou) o lazer. O Brasil e o mundo estão repletos de tentativas de normatização de práticas de lazer de qualquer matiz. Além das históricas perseguições a festejos de escravos e da capoeira (SIQUEIRA, 2021), citemos outros exemplos: proibiram há décadas o jogo de bicho, as rinhas de galo e de cães da raça pitbull; proibiram sob o signo da moralidade e da decência, até os cassinos no Brasil (CHAVES et. al., 2022). Já tivemos prefeitos querendo proibir bailes funks (SILVA, 2016), e até outras maluquices como “tem que acabar com o carnaval” (MASSOTO, 2021). Aqui existem livros que são proibidos de serem vendidos. Todos os exemplos de proibições citados continuam existindo, para o bem e para o mal, na clandestinidade.

Na Espanha sofisticada de hoje, as touradas onde os animais são cruelmente mortos, são aos olhos de muitos países exemplo da *barbárie Catalunha* (grifo nosso). Trata-se de um eterno engodo: afinal quem normatiza quem normatiza? Quem controla o controlador? Se a resposta for ninguém, isso significa puro exercício de opressão e totalitarismo. Se a resposta for: a

sociedade e todos seus grupos representativos, ótimo, parece existir uma luz no fim do túnel da obscuridade desses tempos.

Afinal Por que o lazer é cada vez mais uma mercadoria?

É temerário chamar esse tópico de *conclusão*. Não é uma conclusão; reflexões foram postas, passamos rapidamente as mãos nos móveis da sala de estar da contemporaneidade e nossas mãos ficaram sujas. Não pelas práticas de lazer que uns advogam e outros não, como as melhores, as mais saudáveis, as mais “politicamente corretas”; mas sim, pelas taras de um mundo que para além de líquido, deixa escorrer nas paredes dessa sala, esse líquido sujo, impregnado de excessos. Excessos fazem mal à alma humana, à nossa dignidade; aos galos que só querem cuidar de seu galinheiro, aos nobres touros, aos cães pitbulls e à sustentabilidade do planeta.

Referências

ALMEIDA, M.B.; GUTIERREZ, G.; GUTIERREZ, D. As fronteiras da pesquisa em lazer no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 8, n. 2, p. 175-189, 2021.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 2021.

CABALLERO, A.P.; DURÁN, S.E.; MARTÍNEZ, H.P.; ARANGO, S.H. Caracterización social y normativa de la exploración sexual comercial de niños, niñas y adolescentes en Cartagena, Colombia. **SUMMA, Revista Disciplinaria En Ciencias Económicas y Sociales**, 4(1), 1-17. 2022.

CHAVES, M.G.S.; OLIVEIRA, B.T.; LIMA, R.T.; FEDRIZZI, V.L.P. O cassinismo como fator de desenvolvimento turístico: uma análise comparativa entre Brasil e Portugal. *Tramitação Processual (2014-2021)*. **Atiliê do Turismo**, v. 6, n. 1, p. 19-38, 2022.

CORMACK, M.M. **The Normalization of Leisure Sex and Recreational Drugs: Exploring Associations Between Polydrug Use and Sexual Practices by English Festival-Goers.** In Contemporary Drug Problems, v.48, n.2. 2021.

DIECKERT, J. **Esporte de lazer: tarefa e chance para todos**, Rio de Janeiro: Ao Livro técnico, 1984.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular – Debates**, São Paulo: Perspectiva, 1976.

FORTUNA, C. Sociologia de práticas de lazer. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 43, p. 5-10, 1995.

GUIMARAES, H.A.; ALMEIDA, D.S.B. Museu Vivo: produção cultural e sustentabilidade. **Episteme Transversalis**, v. 8, n. 1, 2018.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: jogo como elemento da cultura**, São Paulo: Perspectiva, 1980.

LÁZARO, J.A. La propaganda como recurso bélico desplegado en la prensa latinoamericana durante la Primera Guerra Mundial. **La Gran Guerra de 1914-1918. De Europa a América Latina**, p. 84-94, 2021.

LUKÁKS, G. **História e Consciência de Classes: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

KANT, I. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Vozes, 2016.

KOENS, K.; KLIJS, J. Overtourism-identifying the underlying causes and tensions in European tourism destinations. In: **A Research Agenda for Urban Tourism**. Edward Elgar Publishing, 2022.

MANSFIELD, L. **Leisure and health – critical commentary**. In: Annals of Leisure Research. New Zeland, 2020.

MARCELINO, N.C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1990.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. 28ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, vol. 1.

MASSOTO, J.R.S. Abram alas para os heróis de barracões: uma análise sobre a histórica do carnaval carioca para a cultura do país. **Revista Miquel**, v. 5, n. 5, 2021.

MONERAT, J.C.P. Capitalismo e insustentabilidade: ambiente, mercadoria e humanidade. **SER Social – Questão social e serviço social**, Brasília, v. 24, n. 50, janeiro a junho de 2022.

PISCITELLI, A. El tráfico del deseo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil. **Quaderns-e de l'Institut Català d'Antropologia**, 2004.

PISCITELLI, A. Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, p. 717-744, 2007.

SALES, L.M.M.; ALENCAR, E.C.O. Tráfico de seres humanos, migração, contrabando de imigrantes, turismo sexual e prostituição – algumas diferenciações. **Novos Estudos Jurídicos**, v. 13, n. 1, p. 29-42, 2008.

SCRIOSTEANU, A.; BARBU, C.M.; CRIVEANU, M.M. Sustainable Tourism in the Current European Context. In: **Managing Risk and Decision Marketing in Time of Economic Distress, Part B**. Emerald Publishing Limited, 2022.

SEYITOGU, F.; COSTA, C. A systematic review of scenario planning studies in tourism and hospitality research. **Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events**, p. 1-18, 2022.

SILVA, L.S. Baile funk, missão civilizatória e UPP: cultura e segurança pública na cidade do Rio de Janeiro. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, v. 4, n. 2, p. 318-342, 2016.

SIQUEIRA, A.M. Do código penal a patrimônio cultural. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 18, n. 2, p. 458-472, 2021.

Obs.: Os autores declaram não existir conflitos de interesses de qualquer natureza.